

NESTA EDIÇÃO

- **Donos de bares e opiniões sobre a venda de bebida**
- **Álcool e violência: um estudo de gerações**
- **Diferenças de gênero nos padrões de consumo de álcool**
- **Você conhece o Narguile?**
- **Propagandas de medicamentos**
- **O uso de medicamentos psicoativos por crianças**
- **Drogas e a imprensa brasileira**
- **Eventos científicos na área de drogas**

SUPERVISÃO:

- **E.A. Carlini**

EQUIPE TÉCNICA:

- **Ana Regina Noto**
- **Cláudia Tondowski**
- **Emérita Opaley**
- **Luciana Abeid**
- **Tatiana Amato**

PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS

O que os donos de bares acham da venda de bebidas alcoólicas?

Um estudo qualitativo com o objetivo de analisar a percepção de donos de bares em relação à venda de bebidas alcoólicas e o fenômeno da violência foi realizado recentemente no município de Santo André, Estado de São Paulo. Quinze donos de bares foram entrevistados, 86,6% destes do sexo masculino, com idade entre 21 e 50 anos. Os depoimentos foram agrupados em seis categorias: o álcool como facilitador de ação, aprovação ou reprovação da venda de bebida alcoólica, saber beber, o descontrole e a venda de bebidas alcoólicas e episódios de violência.

A visão do álcool como facilitador de ação ocorre quando os indivíduos utilizam a bebida como artifício para disparar processos psicoemocionais, por exemplo, para ficar desinibido ou “arrumar confusão”. A venda de bebida alcoólica é vista pelos entrevistados como o único meio de sobrevivência disponível e a

maioria enxerga que esta deve mesmo ser legalmente aceita, uma vez que o problema não é a bebida, mas a falta de conscientização dos indivíduos quanto ao uso do álcool. No entanto, parte dos entrevistados reprova a venda de bebidas, uma vez que sua vivência mostra que o abuso do álcool está intimamente relacionado à destruição do equilíbrio familiar e a sérios agravos à saúde.

São identificados dois comportamentos: o “saber beber” e o “descontrole”. O primeiro funciona como regra social resultante da frequência assídua ao bar e trata-se de um comportamento aprovado na visão dos entrevistados. O autocontrole é parte do comportamento masculino esperado, e estes indivíduos excluem do grupo aqueles que não adotam este comportamento. O descontrole é caracterizado pelos usuários que bebem até ultrapassar seu limi-

te, gerando situações conflitantes e vexatórias.

Os donos de bares identificam uma clara associação entre o uso de álcool e a ocorrência de episódios de violência, tanto nos próprios bares quanto no âmbito doméstico dos clientes, atingindo a eles direta ou indiretamente. Afirmam que sua atividade leva a um grande desgaste psíquico e emocional por presenciar a violência associada ao uso indevido do álcool e alguns comerciantes relatam a intenção de mudar de profissão. Eles também responsabilizam as indústrias de bebidas pela oferta de produtos e divulgação na mídia, o que incentiva o consumo do álcool.

Franchino D, Nóbrega MPSS, Castellanos MEP. Venda de bebida alcoólica e violência: o que pensam os donos de bares. *Rev Elet Saúde Ment Alc Drog.* 2008; 4(2):1-12.

Álcool e Violência: essa relação se repete ao longo das gerações?

No Brasil, cerca de metade dos casos de violência familiar estão associados ao uso de bebidas alcoólicas. Além disso, um trabalho realizado pelo CEBRID apontou que, em muitas famílias, a violência associada ao álcool está presente em mais de uma geração.

Dessa forma, para tentar compreender como esses dois fenômenos afetam a família ao longo de diferentes gerações, foram realizadas entrevistas qualitativas com vítimas e autores desse tipo de violência. Buscou-se conhecer o histórico familiar de três gerações em relação à violência associada ao álcool.

Dos 790 familiares maiores de 12 anos mencionados, 310 (39%) apresentaram pelo menos um dos comportamentos estudados (42 casos com histórico de violência; 92 com abuso de

álcool/drogas; 176 com os dois comportamentos associados).

Foi possível identificar alguns padrões de transmissão do padrão de violência associada ao álcool de uma geração a outra. Os mais frequentes foram: a repetição do comportamento em linha direta de parentesco, ou seja, avô-pai-filho; e a repetição por meio do casamento, quando filhas de pais que bebem e são violentos se casam com homens com comportamento semelhante.

Também foram observados vários aspectos das relações familiares reproduzidos ao longo das gerações. Os principais foram: o tipo de violência (psicológica, física e/ou sexual), a reação à violência e o momento da vida em que os episódios de violência acontecem com maior frequência (por exemplo, durante

gestações ou períodos de desemprego).

Além disso, crenças familiares, como a de que o álcool causa ou justifica a violência, e sobre a indissolubilidade do casamento, parecem aumentar a tolerância às agressões, minimizar a responsabilidade do agressor e favorecer a reincidência da violência por prolongado período de tempo.

Os resultados indicam a importância de estratégias terapêuticas e preventivas que tratem a família para prevenir a perpetuação da violência associada ao uso de álcool.

Tondowski CS. Padrões multigeracionais de violência familiar associada ao abuso de bebidas alcoólicas: um estudo com genograma. *Tese de Mestrado, Unifesp, 2008.*

EPIDEMIOLOGIA**Diferenças nos Padrões de consumo de álcool entre homens e mulheres**

As relações de gênero permeiam atividades sociais e estão intimamente relacionadas aos diferentes papéis de homens e mulheres em diversas culturas. Sobre o consumo de substâncias psicotrópicas não é diferente, há tempos sabemos que os homens tendem a consumir mais bebida alcoólica do que as mulheres. Pesquisas mais recentes demonstram que alguns padrões socioculturais e socioeconômicos atuais podem influenciar o consumo de álcool e que os fatores de influência são diferentes para homens e mulheres.

Uma pesquisa realizada em Botucatu, interior de São Paulo, comparou homens e mulheres desta cidade com um distrito (Rubião Jr.) que possui características de idade, escolaridade, estado civil, religião, renda familiar e inserção no mercado de trabalho, bastante

diferentes entre os gêneros. Os resultados revelaram que quando as mulheres tinham papéis sociais similares aos dos homens, o padrão de consumo de álcool entre eles não era diferente. As mulheres que residiam em Botucatu e tinham um companheiro que abusava do álcool, tinham mais chance de também fazerem consumo de risco. As mulheres de Rubião eram abstinente com maior frequência do que as mulheres de Botucatu, porém a tendência das que bebiam era de exagerar nas doses em uma única ocasião (padrão binge). Com relação aos homens, para ambas as cidades o fato de eles terem amigos que abusavam de bebida aumentava as chances de fazer uso de risco também.

Os resultados mostram que não é possível abordar as mulheres das duas comunidades da mesma maneira, pois são populações diferenciadas por vários fatores que se relacionam ao



Foto ilustrativa retirada da internet

padrão de consumo de álcool. A importância desse tipo de pesquisa é contribuir com informações úteis à preparação de programas de prevenção, que devem ser adequados ao perfil da população.

Florence KC et. al. Diferenças nos padrões de consumo de álcool entre homens e mulheres em duas comunidades brasileiras distintas. *Revista Brasileira de Psiquiatria* 2008;30(3):235-242.

MUNDO CÃO MUNDO LOUCO**Alguém aí já ouviu falar do Narguile?**

O Narguile é um instrumento utilizado há séculos por diversas culturas para se fumar tabaco de forma coletiva e social. Não existem dados epidemiológicos sobre seu consumo global, no entanto, estudos recentes indicam que a prática de fumar narguile entre jovens ultrapassou o consumo de cigarros nos países do Oriente Médio. Dados recentes também apontam para um crescimento recorde desta forma de uso do tabaco entre jovens nos EUA.

Apesar de pouquíssimos estudos sobre os riscos do narguile, algumas características dele contribuem para a falsa crença de que é menos prejudicial à saúde que o cigarro. Uma delas é que, contrariando o consumo diário do usuário de cigarro, o uso do narguile é esporádico, associado a reuniões de amigos ou de familiares em cafés, barzinhos ou mesmo em casa. Entretanto, o volume de fumaça inalada em uma sessão de narguile, que demora

cerca de uma hora, é equivalente ao produzido por 100 ou mais cigarros, aumentando consideravelmente a exposição.

Outra característica tem a ver com o funcionamento do aparato, que obriga a fumaça, antes de inalada pelo fumante, a passar por um recipiente com água, induzindo a uma crença popular de que a água ajudaria a filtrar as impurezas do fumo, tornando-o menos nocivo à saúde.

Alguns estudos mostram também que os constituintes carcinogênicos do tabaco, como hidrocarbonetos e metais pesados, assim como a nicotina e o monóxido de carbono, todos comprovadamente prejudiciais à saúde, encontram-se presentes na fumaça inalada através do narguile, alguns em quantidades superiores cerca de 50 vezes quando comparada à fumaça do cigarro. No entanto, estudos com maior evidência científica devem ser

conduzidos para maior conhecimento dos riscos de se usar narguile.

Da mesma forma, são necessários instrumentos que melhor avaliem a dependência ao narguile, uma vez que as propriedades e características de uso diferem do cigarro, e o mesmo instrumento para avaliar dependência pode não ter validade. Mesmo assim, alguns autores sustentam a hipótese de dependência do narguile, uma vez que há absorção de nicotina, mesmo com uso intermitente, e também com base no relato de auto-percepção dos usuários.

Com a rápida disseminação e glamorização de seu uso entre jovens, resta compreender o impacto que o uso do narguile terá sobre a saúde pública, principalmente em países menos desenvolvidos, onde as medidas de intervenção são sempre atrasadas, e muito focadas no curativo ao invés do preventivo. Relatos informais indicam que o uso do narguile no Brasil pode estar

sendo realizado com outras substâncias além do tabaco, como a maconha e o álcool. Sendo assim, é necessário o desenvolvimento de pesquisas locais específicas para servir de base para possíveis intervenções.

Maziak W. The waterpipe: time for action. *Addiction*. 2008; 103(11):1763-7.



Foto ilustrativa retirada da internet

Existe informação científica nas propagandas de medicamentos?

Um estudo publicado recentemente na Revista de Saúde Pública analisou o conteúdo científico das propagandas de medicamentos psicoativos. Segundo a Organização Mundial de Saúde devem ser atributos das propagandas de medicamentos, entre outros, exatidão, veracidade, atualidade e possibilidade de comprovação. A promoção não ética de medicamentos gera o uso irracional e promove superprescrição, automedicação e abuso. O problema se agrava mais em países em desenvolvimento.

Dessa forma, pesquisadores de Araraquara, interior de São Paulo, compuseram uma amostra de peças publicitárias de medicamentos psicoativos divulgadas aos médicos em clínicas, hospitais e postos de saúde. Procedeu-se a análise do conteúdo das propagandas para checar disponibilidade das referências científicas citadas e concordância com os resultados dos estudos.

Das 167 propagandas analisadas, 15 delas, provenientes de quatro laboratórios, não citavam sequer as referências, sendo excluídas da análise. Das 152 propagandas restantes, foram identificadas 639 informações com referências, totalizando 395 citações bibliográficas. Nem todas as referências foram localizadas (33,5%), constituindo *per se* um problema para os prescritores que pretenderem se aprofundar nas informações propagadas.

Entre os principais resultados da pesquisa, surpreende a falta de exatidão nas mensagens publicitárias de medicamentos psicoativos observada em 32,3% das informações analisadas. Os principais motivos foram: informação não encontrada (62%), seguida de extrapolação indevida de indicação/morbidade/classe terapêutica (12%). Neste último, citam-se exemplos de estudos conduzidos em animais, mas afirmações nas propagandas para humanos e ainda estudos analisados para uma morbidade e propagandas que afirmavam eficácia para duas ou mais.

cia para duas ou mais.

Os resultados mostram a dificuldade de acesso às referências, bem como levantam questionamentos sobre a exatidão e veracidade das informações citadas nas peças publicitárias. Os autores sugerem alterações nas exigências legais e fiscalização efetiva da promoção de medicamentos.

Mastroianni PC, Noto AR, Galduróz JCF. Propaganda de medicamentos psicoativos: análise das informações científicas. *Revista de Saúde Pública* 42:529-535, 2008

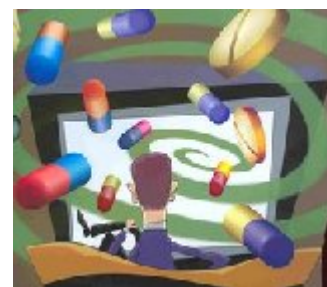


Foto Ilustrativa retrada da internet

Vocês conhecem Talun?

O CEBRID recebeu uma nota com questionamento sobre uma substância conhecida como *Talun*. O relato obtido era referente ao uso para redução de dor. Fomos questionados se o *Talun* é um fitoterápico, quais os efeitos colaterais e se é anti-inflamatório. Como não conhecemos esta substância, gostaríamos, se alguém conhecer, que nos enviasse informações para o nosso email.

Crianças e as drogas psiquiátricas: desilusão e oportunidade

As crianças devem utilizar substâncias psicoativas? Uma carta publicada no *The Lancet*, uma das principais revistas da área médica traz este questionamento. Segundo o mesmo, drogas antipsicóticas e estabilizadores de humor são algumas vezes utilizados em crianças menores que dois anos. Nos Estados Unidos, em 2002, antipsicóticos, estimulantes e estabilizadores de humor foram prescritos a cerca de 2,5 milhões, 2,2 milhões e 1,4 milhões de crianças, respectivamente - e o uso tem aumentado, desde então.

Sabemos pouco sobre os efeitos a longo prazo das drogas psiquiátricas em crianças. Efeitos adversos dos antipsicóticos incluem osteoporose, redução da fertilidade, obesidade, aumento de risco de ataque cardíaco, diabetes e acidente vascular cerebral (AVC). Da mesma forma, os estimulantes podem causar dano ao coração e retardar o desenvolvimento e os antidepressivos podem aumentar o risco de suicídio em crianças.

E essas drogas funcionam? Evidências são escassas e quando existem, desencorajam o uso nessa faixa etária. Em setembro deste ano, um estudo com o uso de antipsicóticos para esquizofrênicos de 8 a 19 anos mostrou que mesmo em condições de controle ideais, os chamados estudos de ensaio clínico, aproximadamente a metade descontinuou o tratamento dentro de 8 semanas. Ainda, o Instituto Nacional para Saúde e Excelência em Clínica do Reino Unido recomenda que para a maioria das crianças, a primeira linha de tratamento para Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade não deve ser o uso de estimulantes, porque podem não apresentar benefícios a longo prazo. Antidepressivos também são largamente vistos como geralmente inefetivos para crianças.

Sendo assim, por que essas drogas são tão vastamente prescritas? Médicos, confrontados com a miséria, comportamentos perturbadores e pensamentos individuais de cada paciente, têm respondido com diagnósticos e tratamentos - mesmo quando o diagnóstico tem validade questionável e tratamento não comprovado. Entre

1994 e 2003, o número de crianças diagnosticadas nos EUA com transtorno bipolar aumentou 40 vezes. Estamos transformando em doença os sentimentos e comportamentos normais?

Muitos pacientes, há anos, têm argumentado que drogas psiquiátricas são frequentemente mais nocivas e menos efetivas do que os médicos acreditam. Parece, cada vez mais, que estes pacientes estão certos. Se a psiquiatria quiser manter sua alegativa de racionalidade, deve permitir que pacientes, incluindo crianças, devem ser ouvidas, e não simplesmente medicalizadas.

Children and psychiatric drugs: disillusion and opportunity [editorial]. *The Lancet* 2008; 372:9645.



As drogas e a imprensa brasileira: qual a opinião dos jornalistas?

Temas relacionados ao uso, abuso e dependência de drogas são frequentes nos meios de comunicação. Estudos recentes têm apontado consideráveis distorções da imprensa em relação a essas questões. Por outro lado, também existem evidências que a mídia, quando sensibilizada e bem fundamentada, também pode ser uma importante aliada para programas e políticas de saúde pública.

Dentro dessa perspectiva, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa resultante do estudo de mestrado de Fábio C. Mastroianni (Departamento de Psicobiologia - UNIFESP), que teve por objetivo analisar o

processo de construção de notícias sobre drogas a partir da visão dos profissionais de jornalismo no Brasil.

Foram realizadas entrevistas com 22 profissionais que escreveram matérias sobre drogas no ano que antecedeu a pesquisa. Os jornalistas apontaram a ilegalidade e a criminalidade como os principais fatores que estimulam a produção de matérias. O despertar de medo nos leitores, segundo os entrevistados, tende a aumentar a audiência e/ou vendagem dos jornais e revistas. A maioria considerou fraca a cobertura sobre drogas. As principais dificuldades referidas foram:

falta de conhecimento sobre o assunto e escassez de tempo para a elaboração de matérias.

O estudo conclui que o processo de construção de notícias apresenta uma série de interferências que comprometem o conteúdo das matérias e, dessa forma, são necessárias estratégias sociais que estimulem a qualidade do material divulgado no país.

Mastroianni FC, Noto AR. Newsmaking on drugs: a qualitative study with journalism professionals. *J Psychoactive Drugs*. 2008 Sep; 40(3):293-300.

Eventos Científicos na Área de Drogas

35º Simpósio Anual de Epidemiologia do Alcool

Acontecerá em Copenhaga, Dinamarca, entre 1 e 5 de junho de 2009, o 35º Simpósio Anual da Sociedade Kettil Bruun para Pesquisa Epidemiológica e Social de Alcool (KBS).

Informações sobre o evento podem ser acessadas em:

www.kettilbruun.org

71º Congresso do The College on Problems of Drug Dependence (CPDD)

Criado em 1929, o CPDD serve de interface entre governo, indústria e academia mantendo ligações entre as agências regulatórias e de pesquisa na área de educação, de tratamento e de prevenção no campo de drogas de abuso. Atualmente é centro colaborador da Organização Mundial de Saúde, e promoverá um dos principais encontros desta área entre 20 e 25 de junho de 2009, na cidade de Reno, Nevada, EUA.

Mais informações no site:

www.cpdd.vcu.edu

32ª Conferência Anual do Research Society on Alcoholism (RSA)

A RSA foi criada com o objetivo de reunir profissionais de diversas áreas relacionadas ao alcoolismo para promover pesquisa e a aquisição e disseminação do conhecimento científico. A conferência de 2009 se dará entre 20 e 24 de junho em San Diego, na Califórnia, Estados Unidos.

Para mais informações, acesse:

www.rsoa.org

2º Congresso da Associação Brasileira Multidisciplinar de Estudos sobre Drogas (ABRAMD)

A ABRAMD nasceu em 2005 com a proposta de ser um fórum de discussão e intercâmbio científico, dentro de uma visão ampla e multidisciplinar da temática de drogas. Em agosto deste ano, a ABRAMD realizou seu primeiro congresso em São Paulo, tendo alcançado sucesso de público. O próximo congresso já está definido. Será no Rio de Janeiro, de 6 a 8 de agosto de 2009.

O site da ABRAMD é:

www.abramd.org.br

O CEBRID é falível! Erramos por 275km!

A edição do Boletim CEBRID nº 57 trouxe um artigo sobre a iniciativa da professora de química Cláudia Aparecida Nunes, da cidade de Ilícinea - MG, de trazer para a sala de aula uma proposta de discussão da droga na perspectiva da saúde. Um trabalho de reflexão e muito importante para nossa sociedade, que foi vítima de um pequeno deslize em nossa nota. Publicamos que a professora era da cidade de Ribeirão Preto, interior de São Paulo, cerca de 275km de Ilícinea, em Minas

Gerais. Nossos sinceros pedidos de desculpas pelo equívoco geográfico! Aproveitamos para parabenizar mais uma vez a Profª. Cláudia pela disposição em fazer algo criativo em prol de nossos adolescentes.

Para ter acesso aos detalhes sobre o trabalho da Profª. Cláudia, entrar em contato através do endereço eletrônico: quimicanunes@hotmail.com



Prof. Cláudia Nunes

CEBRID

Endereço
Rua Botucatu, nº 862, 1º Andar
Cep: 04023-062
São Paulo, Vila Clementino

Tel: (11) 2149-0156
Fax: (11) 5084-2793
E-mail: cebrid@psicobio.epm.br

www.cebrid.epm.br